



Foto 1: Residência projetada por Ricardo Severo

Fonte: https://mdc.arq.br/2012/03/20/antonio-garcia-moya-um-arquiteto-da-semana-de-22/02-01-severo-res-uma-de-oliveira-1916_lemos/

Bruand descreve esta arquitetura moldada no emprego sistemático de elementos reconstituídos da arquitetura civil portuguesa dos séculos XVII e XVIII:

Varandas sustentadas por simples colunas toscanas, telhados planos com largos beirais, feitos de telha canal e tendo, nos vértices, uma telha em forma de pluma virada para cima (lembrando a moda do exotismo chinês do Século das Luzes), rótulas e muxarabis de longínqua origem muçulmana, azulejos fabricados diretamente no Porto, recobrimo as paredes das varandas. (BRUAND, 1981, p. 53)

Para Bruand, as residências construídas por Severo, no entanto, não se limitam a uma simples cópia das antigas casas coloniais, mas uma arquitetura tratada com muita liberdade permitida pela técnica contemporânea.

Estranho é constatar que os precursores da arquitetura neocolonial tenham sido estrangeiros radicados em São Paulo, cidade do presente e do futuro, visto que no período colonial seu patrimônio era pouco significativo comparado a outras regiões, como o Nordeste, principalmente os Estados de Pernambuco e Bahia, que contavam com um patrimônio arquitetônico de maior vulto, assim também como Minas Gerais. (SANTIAGO, 2011).

Embora o movimento neocolonial tenha iniciado em São Paulo, com a atuação de Ricardo Severo, e seguido por Victor Dubugras, foi no Rio de Janeiro que encontrou ambiente propício para seu maior desenvolvimento, tendo na figura do médico José Marianno Filho um grande defensor.

Quem era José Marianno Filho e sua influência acerca da Arquitetura Tradicional

José Marianno Carneiro da Cunha Filho (1881-1946), nascido em Pernambuco, médico, historiador e crítico de Arte. Notabilizou-se por sua apaixonada, infatigável e polêmica campanha



Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

de longos anos para implantar no País a corrente nacionalista neocolonial como estilo arquitetônico mais adequado ao nosso clima e identificado, nas suas formas tradicionais, com o sentimento brasileiro. (MEC. Dicionário Brasileiro de artistas Plásticos. INLMEC, 1977).

José Mariano Filho impulsionou o movimento e levou a uma amplitude maior do que em São Paulo. Embora não sendo arquiteto, sua riqueza e prestígio postos em favor do que chamava “a causa da nacionalidade”, fez do movimento neocolonial sua bandeira. Teve grande influência sobre os arquitetos no período em que foi diretor da Escola Nacional de Belas Artes (ENBA) no Rio de Janeiro. (SANTIAGO, 2011).

Informa Santos (1977) que o citado médico, aproveitando o clima de comemoração do centenário da independência, conseguiu influenciar os arquitetos participantes da Exposição do *Centenário da Independência* (1922), para que fossem executados no estilo neocolonial vários dos pavilhões expostos, como a provar que o neocolonial ganhava adeptos entre arquitetos de maior evidência.

Na grande exposição comemorativa do centenário da independência, coordenada pelo Arquiteto Archimedes Memória (1893 -1960)⁴⁰⁴, o estilo neocolonial esteve presente no Pavilhão das Grandes Indústrias, da Viação e Agricultura, por Adolpho Morales de Los Rios Filho; Pequenas Indústrias, de Nestor de Figueiredo e C. S. de San Juan; o de Caça e Pesca, de Armando Oliveira e o restaurante envidraçado no Terraço do Passeio público, também de Archimedes Memória e F. Cuchet.

Como demonstração da dedicação que José Marianno tinha pela arquitetura colonial, construiu sua residência, o *Solar Monjope*, um dos marcos do neo-colonial brasileiro (demolido em 1970 pela especulação imobiliária) na antiga Chácara da Bica, no bairro Jardim Botânico no Rio de Janeiro. Nele inseriu inúmeras peças coloniais legítimas recolhidas pelo Brasil, notadamente da região Nordeste, construiu sem dúvida o maior monumento ao estilo neocolonial no Brasil.

Sobre o Nordeste, José Marianno Filho escreveu o livro intitulado *Acerca dos Copiares do Nordeste Brasileiro*, datado de 1942, que nos deixa curiosos, pois o único acesso que tivemos foi a

⁴⁰⁴ Natural de Ipu, Ceará, Ipu, 1893 — Rio de Janeiro, setembro de 1960. Memória ingressa, em 1920, no corpo docente da Enba, como professor de desenho de ornatos e elementos de arquitetura e composição de arquitetura, disciplina ministrada por Mello até esse ano, data de seu falecimento. Em 1931, Memória assume a direção da escola, substituindo Lucio Costa (<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa408608/archimedes-memoria>). Em 1922, Memória e Cuchet são convidados pelo Prefeito do Distrito Federal, Carlos Cesar de Oliveira Sampaio, para organizar, projetar e coordenar as obras para exposição comemorativa do centenário da independência e também comemorativa de cem anos da telegrafia sem fio no Brasil. Archimedes elaborou o plano urbanístico na Ponta do Calabuço, em que aproveitava as obras para o aterro da Lapa com material do desmonte final do Morro do Castelo (MEMÓRIA FILHO, 2008).

capa do livro retratando uma arquitetura notadamente nordestina e colonial, que aparece no site www.levyleiloeiro.com.br, lote 121 “vendido” em 05/10/2012, local Rio de Janeiro.

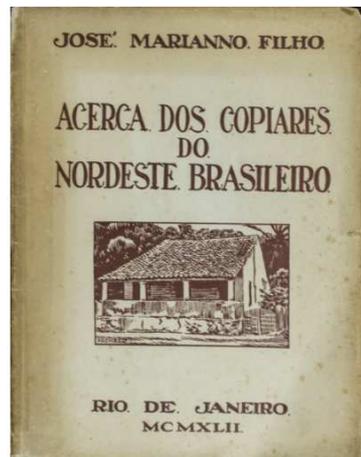


Foto 2: Publicação de Marianno Filho

Fonte: www.levyleiloeiro.com.br

Com certeza, a leitura deste livro traria muitos esclarecimentos sobre o tema e sobre os caminhos trilhados pelo autor em visitas ao Nordeste.

Os elementos neocoloniais, como gelosias⁴⁰⁵ e muxarabis⁴⁰⁶, enormes pinhões nos cantos dos telhados de telha canal, utilização intensa de azulejos podem ser apreciados em fotos da residência de Marianno Filho.

⁴⁰⁵ 1. Grade de fasquias de madeira que se coloca no vão de janelas ou portas, para proteger da luz e do calor, e através da qual se pode ver sem ser visto. Ver imagem = ADUFA, RÓTULA. 2. Estrutura para fechar janela, porta ou varanda através de uma espécie de grade de malha fina que permite iluminação parcial e arejamento. "gelosia", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <http://www.priberam.pt/dlpo/gelosia> [consultado em 03-08-2016].

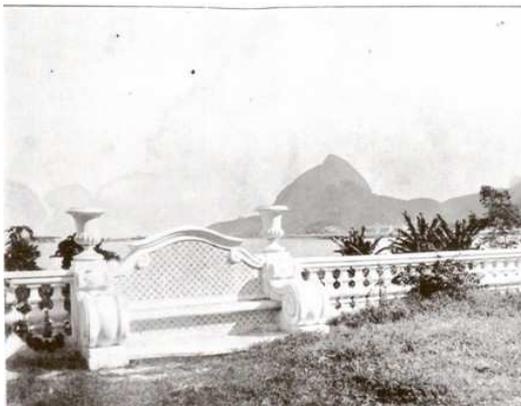
⁴⁰⁶ Os muxarabis, treliças de madeira, onde pode-se ver a rua, mas não a beleza da mulher islâmica, preservada por trás dos elementos vazados. É por meio deles que a cultura islâmica encontrou uma solução que permite a ventilação e iluminação, mantendo a privacidade e valorizando os seus bens culturais. Essa herança moura conquistou mais do que o mundo árabe, estendendo-se a outras culturas. Com o mesmo uso, ou às vezes utilizado como elemento decorativo, os muxarabis espalharam-se por todo Ocidente. No Brasil, a arquitetura colonial usou e abusou dos muxarabis, não somente como balcões (guarda-corpos), mas também nas janelas, privilegiando a ideia de ver sem ser visto. No Brasil, a arquitetura colonial usou e abusou dos muxarabis, não somente como balcões (guarda-corpos), mas também nas janelas, privilegiando a ideia de ver sem ser visto. (<https://deborahbasso.wordpress.com/2014/11/13/muxarabis-heranca-arabe/>)



Fotos 3 e 4: Detalhes do *Solar Monjope* – Casa de Mariano Filho

Fonte: <http://www.rioquepassou.com.br/2009/01/29/solar-monjope/>

O romântico banco de alvenaria cercado de balaústres na beira da Lagoa, com compoteiras, árvores frutíferas e um proposital descuidado gramado.



Fotos 5 e 6: Detalhes do *Solar Monjope* – Casa de Mariano Filho

Fonte: <http://www.rioquepassou.com.br/2009/01/29/solar-monjope/>

Sua tenaz dedicação aliada à competência propiciou sua inclusão como professor de Artes na Escola Nacional de Belas Artes.

a dedicação ao estilo, tão em moda a partir do final dos anos 10, início dos 20, transformou Mariano (ou Marianno) num dos embaixadores do estilo, passando a ter status de arquiteto, embora não o fosse. Fazendo concursos com a ajuda velho IA, escrevendo apaixonadas matérias, e chegando a presidir a Associação Brasileira de Belas Artes em 1924 e posteriormente sendo Diretor da Escola Nacional de Belas Artes, que formava os arquitetos. Crítico ferrenho dos estilos estrangeiros, como o Normando e o Missões “Na terra brasileira, se implantam, sem processo algum de adaptação às condições físicas e espirituais da nacionalidade, os estilos de terras estranhas cujas características foram obtidas, sob a influência de fatores totalmente opostos aos que atuam no país.” e defendia as origens da nossa arquitetura conclamando uma volta ao passado senhorial “A casa brasileira não poderá ser senão a nossa velha casa patriarcal, com o largo beiral de telhões



Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

de faiança, os alpendres floridos...” Com o movimento a todo vapor, com o status quo do estilo oficial brasileiro.

(<http://www.rioquepassou.com.br/2009/01/29/solar-monjope/>)

Como consequência desta defesa de Marianno Filho em relação às obras coloniais e sua conservação, muitos estudos na Escola de Arquitetura e posteriormente em várias escolas trataram da conservação de obras em cidades ricas em obras coloniais, que fazem parte do patrimônio histórico do Brasil. Algumas, como Ouro Preto, declarada Monumento Nacional em 1933 e tombada pelo IPHAN em 1938 por seu conjunto arquitetônico e urbanístico, foi declarada pela Unesco como patrimônio mundial em 1980, sendo o primeiro bem cultural brasileiro inscrito na *Lista do Patrimônio Mundial*. Hoje, Ouro Preto, é considerada patrimônio cultural da humanidade.

4. Contribuição da Tese de Marianno na II Conferência de Educação

José Mariano Filho teve injeção também na Administração Pública e no setor educacional. Inscrevendo-se na 2ª Conferência Nacional de Educação em Belo Horizonte, defendeu a tese em favor do reconhecimento oficial da arquitetura brasileira tradicional, a começar pelos prédios escolares, o que de fato se concretizou na administração de Prado Junior e Fernando de Azevedo, em que os prédios institucionais foram de inspiração neocolonial (OLIVEIRA, 1991 apud SANTIAGO, 2011).

Subscrevemos o relato da Conferência acerca da tese proposta por Marianno Filho, conforme INEP (2004):

A Seção de Ensino Artístico – a que foi presente apenas uma tese, a do Dr. José Marianno Filho – foi presidida pelo Prof. Lucio José dos Santos, que sobre a tese emitiu parecer aprovando as conclusões, que foram as seguintes:

A requerimento do sr. Renato Jardim, lê o sr. José Mariano o seu trabalho “Da arquitetura como fator de nacionalização”, concluindo com as seguintes proposições, aprovadas pela Comissão:

a) Que a Mesa expresse ao Congresso Federal e ao Exmo. Sr. Presidente da República o seu desejo de ver sancionada a lei que cria a Inspeção de Monumentos Públicos de Arte, destinada a proteger os edifícios sacros e profanos considerados de alto valor artístico;

b) Solicitar do Exmo. Sr. Presidente do Estado o contratamento, a título precário, de um técnico, ao qual ficará afeto o tombamento e estudos das condições atuais dos monumentos de arte do Estado;

c) Que os edifícios públicos do Estado sejam preferencialmente vazados em arquitetura nacional, todas as vezes que a sua finalidade e as condições técnicas e construtivas o permitirem;

d) Que a Mesa enderece um voto de aplauso ao Exmo. Sr. Dr. Washington Luís, Dr. Mello Vianna, Dr. Antonio Carlos, Dr. Fernando de Azevedo e arcebispo D. Helvécio Gomes, pelo interesse demonstrado em prol da arquitetura nacional;

e) Que o governo do Estado de Minas Gerais funde em Ouro Preto a Casa do Aleijadinho, destinada a cultivar a memória do grande infelizmente artista brasileiro e a albergar os arquitetos que desejem estudar a arquitetura brasileira naquela cidade.

A Conferência aprova ainda um voto de louvor ao Sr. José Mariano, proposto pelo Sr. Figueira de Melo. (p. 48)

Como podemos constatar, sua presença na Conferência de Educação foi um marco nas questões sobre estudos da memória nacional dentre outros aspectos.

O estilo neocolonial chegou a ser colocado como condição obrigatória no edital de concurso para o projeto da Escola Normal do Rio de Janeiro, no sentido de “moldar a formação cívica das novas gerações”, neste sentido, Oliveira (1991) denomina em suas pesquisas sobre o estilo das escolas do Rio de Janeiro, então Distrito Federal, na década de 1920, como “modernidade oficial”.

A mais importante realização no estilo neocolonial, como programa institucional, conforme Bruand (1979), foi a Escola Normal do Rio de Janeiro (posteriormente Instituto de Educação), obra de Ângelo Bruhns e do português José Cortez, construída no período de 1926 a 1930.

Grupos escolares no Rio de Janeiro, desta época, foram concebidos com as mesmas características. Por meio do Guia das Escolas Tombadas⁴⁰⁷, fazem parte deste estilo, no Rio de Janeiro, as seguintes escolas: Escola Municipal Sarmiento, no Engenho Novo; Escola Municipal Uruguai, no São Cristóvão; Escola Henrique Dodsworth, no Jardim de Alá em Ipanema; Escola Municipal Soares Pereira e Escola Municipal Barão de Itacurussá, na Tijuca; e Escola Municipal Estados Unidos, no Catumbi.



Foto: Escola Municipal Sarmiento



Foto: Escola Municipal Estados Unidos

⁴⁰⁷ O Guia das Escolas Tombadas é uma publicação do Centro de Referência da Educação Pública da Cidade do Rio de Janeiro (CREP/RJ) em sua segunda edição, 2008.



Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

Fonte: Guia RJ, 2008

Fonte: <https://www.google.com.br>

Conforme Guia/RJ (2008, p. 97), o estilo neocolonial

determinou uma ruptura em relação à influência dos estilos europeus, até então dominantes na arquitetura das escolas do Rio de Janeiro. A importância funcional e simbólica atribuída ao prédio escolar transparece nas construções bem-planejadas e bem-acabadas, situadas em centro de terreno e distribuídas nas áreas mais carentes da cidade. São elementos característicos do neocolonial: a simetria; a presença de arcos e pilares; os elementos decorativos das fachadas, com frontões curvilíneos e ornatos em piras; os espaços avarandados e os mapas em azulejaria, com figuras de índios, motivos da flora e fauna brasileiras.

Ainda conforme esta publicação, quando Fernando de Azevedo assumiu a Diretoria de Instrução Pública do Distrito Federal, em 1926, a nova política pedagógica que inspirou o movimento de reforma da educação, que valorizava a função social da escola, com características nacionalistas, foi acompanhada pelo movimento nacionalista da arquitetura tradicional, tendo no programa de construção de prédios escolares, projetados pelos engenheiros-arquitetos da Prefeitura, Fernando Nereu Sampaio e Gabriel Fernandes, seguido a orientação das tradições do passado luso-brasileiro, com influência das formas hispânicas encontradas nos estilos , já comentados, “Mexicano”, “Californiano” e no “Mission Style”. A valorização dos elos continentais marcou também a escolha dos nomes das escolas, como se observa anteriormente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sobre o sentimento nacionalista que havia no movimento neocolonial, que no Rio de Janeiro teve seu maior defensor, onde impulsionou a que intelectuais buscassem a realização de pesquisas sobre a Arquitetura colonial brasileira, principalmente, com viagens de estudos a Minas Gerais, onde figuraram os arquitetos Nestor de Figueiredo, Nereu Sampaio e Lúcio Costa, dentre outros, consideramos o saldo positivo.

Mesmo se considerando as críticas ao movimento neocolonial por parte de muitos arquitetos que cedo aderiram ao movimento internacional da arquitetura moderna, podemos afirmar que foi um movimento positivo, embora, contraditório desde a origem, como afirma Bruand, porque não teve uma real independência, nem um espírito criativo dominante, pelo contrário, foi considerado pelos modernistas um retorno nostálgico, no entanto, serviu para mudar a postura diante da Arquitetura colonial, passando a tratá-la como parte importante da nossa história e começar pensar no patrimônio histórico, que até então não acontecia e neste período foi criado o Serviço de Patrimônio Histórico Nacional.



Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

Na área da Educação, quanto à influência deste movimento de arquitetura na concepção de escolas, verificamos que a comemoração do centenário da independência foi um marco referencial e que deixou um legado de uma época, conhecido como “modernidade oficial” com construções escolares que marcaram a força da educação no cenário e na história da cultura material escolar na primeira metade do século XX.

REFERÊNCIAS

- ALBERNAZ, M. P. Dicionário ilustrado de arquitetura. São Paulo: ProEditores, 1998.
- BRUAND, Y. Arquitetura contemporânea no Brasil. Tradução Ana M. Goldberger. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 1979. 398 p.: il.
- CZAJKOWSKI, J. (Org.). Guia de Arquitetura Eclética do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. Centro de Arquitetura e Urbanismo, 2000. 216p.
- INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Páginas da História – Notícias da II Conferência Nacional de Educação da ABE**. Belo Horizonte, 4 a 11 de novembro de 1928 / Arlette Pinto de Oliveira e Silva, Organizadora. – Brasília: INEP, 2004. 187 p.
- LE MOS, C. A. C. **Alvenaria burguesa**: breve histórico da arquitetura residencial de tijolos em São Paulo a partir do ciclo econômico liderado pelo café. São Paulo: Nobel, 1985.
- MEC. **Dicionário Brasileiro de artistas Plásticos**. INLMEC, 1977
- OLIVEIRA, Beatriz Santos de. **A Modernidade Oficial**: a arquitetura das escolas públicas do Distrito Federal (1928-1940). Dissertação de Mestrado faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo, 1991.
- REIS FILHO, N. G. Racionalismo e proto-modernismo na obra de Victor Dubugras. São Paulo: FBSP. 1997. 216p.
- RIO DE JANEIRO. Centro de Referência da Educação Pública da Cidade do Rio de Janeiro (CREP/RJ). **Guia das Escolas Tombadas**. 2 ed. Rio de Janeiro, 2008.
- SANTIAGO, Z. M. P. Arquitetura e Instrução Pública: a Reforma de 1922, concepção de espaços e formação dos grupos escolares no Ceará. Tese de Doutorado Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará. 2011
- SANTOS, P. F. Quatro séculos de arquitetura. Barra do Piraí, Rio de Janeiro: Fundação Educacional Rosemar Pimentel. 1977.
- SEGAWA, H. Arquiteturas no Brasil. 1900-1990. 2 ed. 1 reimp. São Paulo: Ed. USP, 2002. (Acadêmica, 21).

SITES

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <http://www.priberam.pt/dlpo/gelosia> [consultado em 03-08-2016].



Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

https://mdc.arq.br/2012/03/20/antonio-garcia-moya-um-arquiteto-da-semana-de-22/02-01-severo-res-numa-de-oliveira-1916_lemos/

<http://www.rioquepassou.com.br/2009/01/29/solar-monjope/>

www.levyleiloeiro.com.br

BARROS, Jussara De. "02 de setembro - Ouro Preto tornou-se Patrimônio Cultural da Humanidade"; *Brasil Escola*. Disponível em <http://brasilecola.uol.com.br/datas-comemorativas/ouro-pretopatrimonio-historico-humanidade.htm> . Acesso em 02 de agosto de 2016

<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/30>

<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa408608/arquimedes-memoria>

<https://deborahbasso.wordpress.com/2014/11/13/muxarabis-heranca-arabe/>